

Texto n. 54

Textos para Discussão
ISSN 2447-8210

**POPULISMO E DEMOCRACIA
REPRESENTATIVA: A
RELAÇÃO ENTRE OS
CONCEITOS**

Marilaine Aparecida Ferreira

**Grupo
Educativo**

POPULISMO E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA: A RELAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS

Marilaine Aparecida Ferreira ¹

RESUMO

Populismo e Democracia Representativa são conceitos relacionados. Sabe-se que o Populismo se posiciona contra o poder estabelecido, resultando de possíveis descontentamentos advindos do modelo de Democracia Representativa. Por sua vez, a Democracia Representativa detém a capacidade de gerar situações que alimentam os fundamentos do Populismo, em especial a oposição ao establishment. Nesse sentido, Populismo e Democracia Representativa são movimentos que se retroalimentam: ao mesmo tempo em que regimes democráticos representativos, além de formar elites governantes, asseguram institutos como a transparência, a garantia de direitos universais, a liberdade de expressão, o voto secreto, as eleições periódicas, a accountability e a participação, esses mesmos regimes e suas ferramentas criam o ambiente propício para que líderes populistas formulem discursos, mobilizem as massas e alcancem o poder. O populismo ancora-se, portanto, no próprio modelo de democracia representativa que pretende criticar, estabelecendo um entrelaçamento entre ambos.

Palavras-chave: populismo. democracia representativa. Relação

POPULISM AND REPRESENTATIVE DEMOCRACY : THE RELATIONSHIP BETWEEN THE CONCEPTS

ABSTRACT

Populism and Representative Democracy are related concepts. It is known that Populism is positioned against the established power, resulting from possible discontent generated by Representative Democracy. In turn, Representative Democracy is capable of generating situations that strengthen the foundations of Populism, especially opposition to the establishment. In this sense, Populism and Representative Democracy are movements that feed off each other: at the same time that representative democratic regimes form ruling elites and ensure such institutions

as transparency, guaranteed universal rights, freedom of expression, secret ballots, periodic elections, accountability, and participation, these democratic regimes create the enabling environment for populist leaders to formulate speeches, mobilize the masses, and achieve power. Therefore, populism is anchored in the model of representative democracy that it criticizes, establishing an intertwining between both.

Keywords: *populism. representative democracy. relationship*

INTRODUÇÃO

Populismo é um conceito ambíguo. Embora não se trate de um regime político específico, é possível verificar seu envolvimento aos contextos democráticos. Há uma conexão explícita do populismo com a democracia representativa, a qual enfatiza as categorias das relações de poder e da formação de um povo.

No Brasil o fenômeno populista teve início em 1930 com a emergência de Getúlio Vargas no poder. O populismo se refere a um fenômeno em que um líder carismático se relaciona com as massas através de meios de comunicação, mobilizando paixões e afetos de forma direta. Nesse contexto, as massas se identificariam com o líder estabelecendo laços fortes de representação.

O foco do populismo está, portanto, no povo e nas relações com ele estabelecidas, caracterizando-se como um fenômeno das sociedades de massas urbanas. Comumente, este termo é utilizado como forma de desprestigiar a figura política. Para os liberais, por exemplo, populismo pode significar manipulação. Por outro lado, também pode significar a legitimação de políticas públicas e sociais com o atendimento de classes mais necessitadas ou mesmo uma forma de reforçar laços representativos entre político e o povo.

Laclau (2013) afirma que o populismo não é um fenômeno político, mas uma forma de se fazer política, operacionalizada por meio de um discurso representativo que permite a incorporação de múltiplas demandas advindas das massas, com destaque para a figura do líder, seu carisma e contato com as massas. Nesse sentido, populismo não se refere a uma ideologia ou regime de governo. Trata-se de uma forma de ação de indivíduos que visam assumir o poder, atraindo pessoas que sentem que suas necessidades são desconsideradas por aqueles que estão estabelecidos no governo.

Embora muitas vezes utilizado como um estigma de líderes políticos ou mesmo como um movimento antidemocrático, o populismo pode ser visto como um produto da democracia representativa. Sabe-se que a essência do populismo repousa em dois polos: de um lado o povo, com valores permanentes e bons, e de outro a elite com valores que vão contra os ideais do povo. O populista trabalha com a insatisfação do povo e se apresenta como seu legítimo representante. Assim, pode-se afirmar que o discurso populista é formado a partir do sentimento de pouca representação política que assola as massas dentro dos regimes democráticos e que lhes causa descontentamento.

Utilizando-se de instrumentos democráticos, como a participação, a transparência, a prestação de contas e a liberdade de expressão, líderes populistas emergem e se colocam contra o poder político estabelecido, por vezes derrubando-o e emergindo como um novo governo, que dentro dos mesmos moldes democráticos virá a ser alvo de novos movimentos e líderes populistas. Por isso, postula-se que há um ciclo em que democracia representativa e populismo se misturam e se retroalimentam.

Por representar um instituto que escapa às generalizações, mas que é tangível e capaz de transformar a vida e o pensamento das pessoas que o envolvem (URBNATI, 2021), faz-se importante a compreensão do populismo. Do mesmo modo, e por apresentar várias nuances, torna-se essencial o implemento de estudos que se dediquem a analisar tal fenômeno sob as mais diferentes vertentes.

Na cena política o populismo ora parece uma acusação, ora surge para reforçar um modelo válido de democracia. Nesse último caso, ele pode representar a democracia no seu ápice já que implica uma vontade geral que é construída pela legitimidade e consentimento do povo. O presente artigo teórico se propõe a discutir a relação entre populismo e democracia representativa a partir das características e implicações que tais institutos carregam.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Populismo e Democracia Representativa

Populismo é um termo que contempla muitas nuances. Conforme afirmam Cunha e Cassimiro (2022) a literatura está longe de encontrar consenso sobre o que

é populismo e sobre como ele se diferencia de outros tipos de movimentos políticos. Os autores apresentam diversas abordagens entre as quais destacam as que aproximam populismo e fascismo; as que apresentam a relação entre populismo e crise de representação liberal; aquelas que colocam o populismo como manifestação de uma ação política que visa substituir o regime democrático por uma democracia liberal; aquelas que apresentam o populismo como um estilo de performance política ou ainda abordagens empíricas que pretendem discutir o fenômeno populista, sempre destacando a existente imprecisão do termo.

Cass Mudde e Kaltwasser (2017) identificam o populismo pela reivindicação de uma vinculação ao povo em oposição ao *establishment*. No mesmo sentido, na obra *Cultural Backlash*, os autores Norris e Inglehart analisaram o populismo autoritário, com viés alinhado à direita e aos valores tradicionais, e estabeleceram que tal fenômeno deve ser entendido como um estilo de retórica que reivindica o poder nas mãos do povo, desafiando o *establishment* e questionando posições de poder e autoridade. A oposição ao poder estabelecido marca o discurso populista, o qual possui o condão de ressaltar o poder do povo aproveitando-se, muitas vezes, de instabilidades políticas e econômicas, bem como de cenários de descrença nas instituições. Berlin (1968), após apresentação de extensa discussão, concluiu que os movimentos populistas visam o poder em benefício do povo e resultam da reação dos que são alienados da estrutura de poder existente.

Por sua vez, Maia e Faria (2021) abordaram o populismo como uma política de crise no contexto atual, capaz de refletir problemas vivenciados na experiência cotidiana. Para além de um conceito de combate, os autores trataram de analisar o populismo em seu modo de conceber a democracia e a representação. Os autores chamam atenção de que é possível se utilizar de uma consciência de crise – a partir da reflexão de um momento – como forma de produzir elaborações a respeito da própria crise e se firmar contra as instituições.

Dessa forma, é possível considerar que o populismo liga-se à dinâmica de competição e circulação das elites políticas pertencentes ao regime representativo (CUNHA; CASSIMIRO, 2022), de maneira que sua compreensão deve partir da interpretação de seus efeitos na prática representativa. Uma teoria maximalista do populismo, apresentada por Urbinati (2021), apregoa que populismo não é simplesmente um ato de contestação acerca da forma como os poucos governam. Trata-se de um desafio à democracia constitucional por representar uma busca

voluntarista de poder soberano por aqueles que as elites tratam como oprimidos, expressando ao mesmo tempo a denúncia da exclusão e a construção de uma estratégia de inclusão por meio da exclusão. A autora considera que o populismo faz parte da democracia, pois é alimentado pelas duas entidades principais desse regime: a nação e o povo, possuindo a capacidade de reconfigurar procedimentos e instituições da própria democracia representativa. Segundo Urbinati:

Podemos dizer que vemos as coisas melhor se pararmos de nos engajar em debates sobre o que o populismo é – se ele é uma “ideologia esvaziada”, uma mentalidade, uma estratégia ou um estilo – e voltarmos para analisar o que o populismo faz: em particular, perguntarmos sobre como ele muda ou reconfigura os procedimentos e instituições da democracia representativa (Urbinati, 2019, p. 7)

O populismo é marcado por uma parcialidade radical na interpretação do povo e da maioria e, nesse sentido, liga-se à democracia representativa (URBINATI, 2021). Ele também pode significar uma forma de construção da representação política, tendo em vista que o discurso político é uma forma de aproximação entre representante e representado. Laclau (2013) ao considerar o populismo como uma forma de fazer política por meio de um discurso representativo capaz de incorporar as múltiplas demandas identificadas em um conceito de povo, o aproxima da representação. Nas suas palavras:

Isto quer dizer que o político tornou-se um sinônimo do populismo? Sim, no sentido em que eu concebo este último conceito. Uma vez que a construção do povo é o ato político *par excellence*, em oposição a uma pura administração no interior de um quadro institucional estável, os requisitos *sine qua non* do político são a constituição de fronteiras antagônicas no interior do social e a convocação de novos sujeitos da mudança social, a qual envolve, como sabemos, a produção de significantes vazios a fim de unificar uma multiplicidade de demandas homogêneas nas cadeias de equivalência. Estes, entretanto, constituem também os traços definidores do populismo. Não existe intervenção política que, até certo ponto, não seja populista, o que não significa, entretanto, que os projetos políticos sejam igualmente populistas. Isso depende da extensão da cadeia de equivalência que unifica as demandas sociais. (LACLAU, 2013, p. 228)

O populismo abarca um estilo de retórica que destaca a figura do líder e o aproxima dos interesses de um povo. Tal discurso pode absorver várias facetas e, portanto, alcançar os mais diferentes extratos sociais. Laclau (2013) demonstra ligação entre populismo e demandas sociais afirmando no prefácio de sua obra que, seja de esquerda ou de direita, o populismo sempre se constitui em torno de um

corte operado no momento em que o sistema institucional vigente entra em obsolescência e mostra sua incapacidade de absorver as novas demandas sociais pelas vias tradicionais, as quais tendem a se aglutinar fora do sistema, num ponto de ruptura. É nesse sentido que se estabelece o corte populista.

Discursos de representação de demandas sociais contra um *establishment* político e social foram feitos por figuras políticas que utilizaram das práticas populistas como forma de aproximação ideológica a uma massa ou povo. O populismo aspira alcançar o poder por meio da competição eleitoral, por isso é possível afirmar que líderes populistas almejam representar aqueles que não se sentem representados pelo poder estabelecido, como numa espécie de prova de legitimidade.

Líderes populistas posicionam-se como a voz do povo e criam laços de representação e identidade, como se pudessem traduzir a vontade das massas. Num contexto de democracia contemporânea permeada por crises do sistema e das instituições representativas, formas de liderança populistas emergem para estabelecer vínculos com o povo e formas de representação que fogem à tradicional ligação com partidos políticos.

Em que pese a possibilidade de uma política de crise que ameace as instituições democráticas, o populismo é capaz de manter laços com a democracia representativa a partir dos sistemas participativos e de transparência que sustentam os questionamentos e dão clareza às contestações, bem como a partir de instrumentos do Estado democrático de direito como a garantia da liberdade de expressão, do voto direto, secreto e universal e das eleições periódicas. Sem a garantia dos questionamentos, sem a possibilidade de conhecimento dos atos de governo e sem a existência da circularidade das elites políticas no poder, discursos populistas não apresentariam grandes efeitos e engajamento.

Urbinati (2021) demonstra que as aparências cíclicas do populismo refletem formas do governo representativo, tendo em vista que estratégias populistas servem para alcançar o poder em sociedades democráticas, mostrando-se intensas em países governados por uma democracia constitucional. Também nesse sentido, Mouffe (2019), analisando o que chamou de “momento populista na Europa Ocidental”, concluiu que o populismo, longe de ser uma perversão da democracia, tomado como extremismo ou inimigo do pluralismo, constitui a estratégia política mais adequada para reviver e expandir os ideais democráticos.

O populismo liga-se à democracia, depende dela para manter sua existência e faz parte de suas transformações. Como salienta Urbinati (2021):

O populismo não é um regime próprio. Seu estilo e teor são derivados da democracia: um tipo de democracia que se baseia na representação e na constituição; que utiliza eleição junto com, ocasionalmente, formas diretas de voto popular, como o referendo e o plebiscito; e cujo espaço político é construído por associações baseadas em questões e filiações partidárias, não apenas em atores individuais e eleições.

(URBINATI, 2021, p. 303)

A par dessas considerações, percebe-se que o populismo necessita da democracia representativa para sua própria sobrevivência. A democracia é o regime que inclui o pensamento dos antiestabelecimentos, visto que é uma forma de governo capaz de contemplar a discussão pública e não apenas a imposição da vontade, englobando a contestação e a oposição. A democracia e o populismo prefiguram, assim, duas concepções do povo e de um governo baseado no consentimento do povo (URBINATI, 2019, p. 74). Por isso, considera-se que o populismo desafia o governo representativo, almejando reformular a democracia como um novo regime político, tendo a legitimidade eleitoral como uma de suas mais importantes dimensões definidoras (URBINATI, 2021).

O populismo hostiliza o *establishment* e tudo aquilo que desafia a igualdade política. Sendo assim, ele é capaz de se aproveitar do descontentamento endógeno da democracia, o qual é gerado pela sobreposição da vontade de poucos, normalmente das elites políticas, à vontade da maioria. Tal movimento utiliza-se dos próprios instrumentos democráticos como a liberdade de expressão, as eleições, o voto livre e secreto, a participação, a transparência, a *accountability* para construção e divulgação de seus discursos de descontentamento, almejando a transformação das diretrizes estabelecidas no poder e os próprios ocupantes desse poder. Líderes populistas aproveitam-se dos institutos democráticos - em especial dos dados públicos de desempenho do governo, políticas públicas, aplicação de recursos - para construção e divulgação de seus discursos, de forma a dominar o pensamento da massa contra a elite estabelecida. Por consequência, o povo utiliza as eleições para corporificar sua insatisfação e elevar o líder populista ao poder.

Importante problematizar que, embora o populismo se forme a partir de um descontentamento no que se refere à representação, muitas vezes, quando no poder, ele vem a provocar uma desfiguração nos princípios democráticos da maioria e do povo. Assim como a democracia nem sempre reflete os anseios do povo, o populismo nem sempre coloca-se ao lado do povo. A partir de novos descontentamentos, surgem novos ciclos populistas.

Por fim, em que pese a utilização do mecanismo populista por líderes com tendência autoritária, Urbinatti (2021) salienta que o populismo não é um movimento antidemocrático, e nem o poderia ser, já que depende da democracia, ainda que venha a colidir com a democracia constitucional, construindo novas formas de soberania popular. Mesmo após tomar o poder, o populismo depende de instrumentos democráticos, pois ao líder populista cabe o desafio de se manter próximo ao povo, de forma a não se tornar um novo *establishment*, assegurando sua legitimidade junto aos representados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As democracias contemporâneas passam por sensíveis transformações, sobretudo no que se refere a um agravamento da crise de representação. Percebeu-se que os fundamentos do populismo estão inseridos no universo democrático representativo em que o interesse das massas apresentam-se em desacordo com o interesse das elites.

Nesse sentido, demonstrou-se que a democracia constitucional é desafiada pelo populismo, pois ao se sustentar em promessas baseadas na igualdade e no acesso ao poder pelos cidadãos, a democracia representativa acaba por gerar um sentimento de exclusão naqueles que acreditaram, mas que por algum motivo não se sentem representados. A par dessa atmosfera, discursos contra o poder estabelecido ganham força e líderes populistas emergem.

O populismo é, portanto, um movimento de contestação que se alimenta dos instrumentos da democracia representativa, almejando a representatividade de um povo que se sente excluído e insatisfeito. Por isso, o movimento populista forma-se e utiliza-se da democracia representativa e também a transforma, num contínuo ciclo que se entrelaça.

O populismo mantém uma relação de dependência com a democracia constitucional, sobretudo porque surge questionando a relação de representação que a ela é subjacente. Ao prometer solucionar as crises entre as partes e o todo, o populismo tenciona os fundamentos da democracia utilizando de seus próprios instrumentos formadores como a liberdade de expressão e a eleições. E quando estabelecidos, governantes populistas podem vir a ser tornar aquilo que criticavam, perdendo a legitimidade conquistada. A partir daí, inicia-se um novo ciclo contra o poder estabelecido, com outros atores, porém com mecanismos semelhantes.

Conclui-se que o modelo populista convive com o instituto da representação, pois deriva-se da democracia constitucional, sem a qual não pode existir. Em que pese a necessidade de se problematizar a possibilidade de desfiguração do modelo democrático representativo quando o líder populista alcança e mobiliza a máquina estatal contra uma parte do povo inaugurando um majoritarismo extremo, ainda subsiste a necessidade da existência dos direitos, garantias e institutos inaugurados pela democracia constitucional para a perpetuação do próprio populismo, que se forma e se reforma amparado ao regime democrático.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Diogo; CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. O populismo como modelo de “democracia polarizada”: a teoria do populismo de Pierre Rosanvallon à luz do debate contemporâneo. **Sociologias**, v. 23, n. 59, p. 200–236, 2022

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013

MAIA, Felipe; FARIA, Alessandra. Crise e populismo: conceitos e implicações. **Revista Desigualdade & Diversidade**, n. 01, p. 24-40, 2021

MOROSINI, Fabio Costa *et al.* **Resenha de “Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. **Revista de Direito Internacional**, v. 17, n 2, 2020

MOUFFE, Chantal. The populist moment. **Simbiótica**, v. 6, n. 01, 2019

BERLIN, Isaiah. **To define Populism. Government and Opposition**, v. 3, n. 2, p. 127-79, 1968

MUDDE, Cass; KALTWASSER, Cristóbal R. **Populism: A very short introduction**. Nova York: Oxford University Press, 2017

URBINATI, Nadia. A teoria política do populismo. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, v. 2, n. 3, p. 299-334, 2021

URBINATI, Nadia. **Me the people. How populism transforms democracy**. Cambridge: Harvard University Press, 2019

